

## Na ocasião da cerimônia de Higan de Outono

Por Tomoji Ito

CO-FUNDADORA DA SHINNYO-EN



A seguinte orientação da Mestre Tomoji (Shojushin-in) foi oferecida após o Serviço Higan de Outono em Setembro de 1953 e apareceu no mês seguinte no volume 25 do boletim japonês *Naigai Jiho*. Para mais detalhes sobre o Higan e seu significado dentro da comunidade budista japonesa, ver o volume 12, pág. 1 da *Ecos*.

**CALOR OU FRIO EXTREMOS** duram somente até o *higan*.<sup>1</sup> Pelo menos, assim foi considerado pela sabedoria tradicional. Mas para nós, *higan* é mais do que simplesmente uma mudança de estações. O termo *higan* refere-se a sair do nosso estado atual de desilusão (“esta margem”) e caminhar para um estado de despertar e de iluminação (“a outra margem”). Nesse sentido, *higan* se refere não somente a uma mudança literal das estações, mas também a uma mudança de atitude, ou de pensamento, para o cultivo de uma mente e um coração que buscam o despertar.

As palavras espirituais transmitidas durante o treinamento Sesshin fornecem conhecimento sobre muitos aspectos de nossas vidas. Dentre elas, ouvi: “o

<sup>1</sup> Palavra japonesa que significa, literalmente, a “outra margem”. Acontece a cada dois anos, durante as divisões de estação, equinócios de primavera e de outono.

Ensino Shinnyo é singular” Essa afirmação em si é extremamente profunda, mas acredito que também nos desafia a ter um sentido correto da fé.<sup>2</sup> Acredito que a frase “o Ensino Shinnyo é singular” é um lembrete para seguirmos o caminho da prática, sem distorcê-lo para atender razões egoístas.

Na divisão de estações, durante o equinócio, o sol nasce exatamente no leste e se põe exatamente no oeste, sem desvio. Da mesma forma, espero que percebam que quando estamos determinados a uma prática corretamente orientada, também somos capazes de atravessar, sem desvio e com êxito, desta margem de desilusão para alcançar a outra margem do despertar. É natural os seres humanos terem um senso de confiança em seu julgamento e em suas habilidades, e muitas pessoas acham que se agirem corretamente, não há necessidade de buscar perspectivas que são maiores, ou mais amplas, do que as que já possuem. Entretanto, o que é um pensamento apropriado, e o que são as ações apropriadas? Essas são questões que devemos refletir cuidadosamente.

Da mesma forma que o sol nasce exatamente no leste e se põe exatamente no oeste no equinócio, acredito que os budas continuam a estender a mão e ensinar sem a menor divergência. Assim como nós plantamos na primavera e colhemos no outono, sob o ritmo da natureza, as forças do mundo natural nos dão sinais por meio dos sutras imutáveis.<sup>3</sup> Algumas pessoas optam por ver esse sinal e outras não. Quanto a nós, acreditamos que os budas consistentemente tornam sua presença conhecida no mundo natural e que essa budeidade é a base de todas as coisas. Pode não ser facilmente vista ou percebida, mas é uma presença poderosa.

Como a atividade das estações do ano, a budeidade está presente tanto na grande magnitude do cosmos quanto em uma escala menor, em nossas vidas e famílias. Algumas pessoas acreditam que seu próprio julgamento é suficiente e que não precisam procurar uma perspectiva mais elevada para si ou para sua família, mas podem imaginar uma família assim?

Tenho visto muitas pessoas realizarem a prática religiosa para benefício próprio ou somente para ajudar e proteger suas próprias famílias. No entanto, apesar do nosso desejo universal pela felicidade, inevitavelmente encontramos desgraças e sofrimentos, por isso, precisamos saber o que essa prática budista realmente é.

Vamos tomar as nossas famílias como um reflexo do universo em miniatura. Se todos nós pensarmos apenas em nós mesmos e em nossos desejos, com cada um trabalhando de forma independente e sem levar em conta os outros membros, esta será uma família infeliz. Assim como um lar harmonioso e feliz começa honrando aquilo que deve ser honrado,<sup>4</sup> uma prática correta é centrada em honrar a budeidade incorporando sua sabedoria e compaixão em nossas vidas.

---

2 Em seu contexto budista, a fé (Sânc. *shradha*, Jap. *shinko*) não é cega; é a vontade de colocar um voto de confiança em nosso caminho de prática e nos deixar convencer sobre o valor desse caminho e as verdades contidas nele ao longo do tempo, pela experiência pessoal. De acordo com Robinson & Johnson em seu livro *A Religião Budista*, “A fé não é um substituto para o conhecimento, mas é a semente que cresce na realização confirmatória. É a vontade de confiar temporariamente em afirmações, de confiar na integridade da pessoa que as afirma, e na determinação de praticar de acordo com as instruções. Não é um estado mental fervoroso, mas de serenidade e lucidez”. No Budismo Shinnyo, essas pessoas assumem a forma de nossos mestres budistas (os Pais do Ensino, os Ryodoji e Sua Santidade Shinso Ito), cujos ensinamentos e exemplos de vida fornecem a estrutura essencial para nossa prática. De fato, sua presença indelével neste processo orientado pela fé do autodescobrimento é uma das razões pelas quais eles são o foco de tanta atenção na Shinnyo-en.

3 Ou seja, os sinais ao nosso redor que nos chamam constantemente para o despertar, que oferecem lições para aprendermos e oportunidades para experimentar o estado de Buda no mundo natural enquanto continuamos atentos e receptivos a eles.

4 Reconhecendo aqueles a quem devemos o dom da vida, aqueles que nos apoiaram financeira e emocionalmente, dando-lhes o devido respeito.



Mestra Tomoji sentada no antigo templo Shinchoji, trajando vestes sacerdotais e segurando o chocalho e rosário budistas (c. 1955).

Quando damos expressão à budeidade em nossas vidas, ou seja, quando tecemos a sabedoria, bondade amorosa e compaixão que os budas representam em nossas ações e interações diárias, começamos a viver verdadeiramente nossas vidas de forma plena. Tal vida espiritual está disponível a qualquer pessoa, independentemente da posição econômico ou social, e uma das características deste caminho é que cada um de nós cultive um sentimento de gratidão e venha a reconhecer e lembrar da nossa dívida para com os outros. Isso faz parte da ordem natural do cosmos e, conseqüentemente, não pode ser alterada.

Não pense apenas sobre o que lhe falta e fique simplesmente esperando que os outros venham lhe ajudar. Ao invés disso, descubra o que você pode fazer na sua situação atual para seguir o espírito de doação de Budas. Esse é o verdadeiro caminho da prática que o levará ao encontro da satisfação, e talvez seja a primeira vez que sentirá isso em sua vida. Igualmente, espero que entendam que o uso de buscas espirituais apenas para ganho próprio não é a maneira de se conectar à budeidade.

Em essência, então, o período de *higan* é uma oportunidade para conhecer, por meio da reflexão sobre os princípios inter-relacionados de causa e efeito, a bondade amorosa, a compaixão e a sabedoria do estado de Buda que essencialmente preenche os cosmos e nos envolve. É uma oportunidade de experimentar a verdadeira felicidade e contentamento que vem desse conhecimento. Tal conhecimento e experiência é o início de um sentido verdadeiro e próprio da fé. Espero que, juntos, possamos fazer desta uma oportunidade para redobrar os nossos esforços numa prática renovada. ▣

# Palavras na Cerimônia de *Saisho Homa* na América do Sul

SACSAYWAMAN, PERU  
14 DE SETEMBRO DE 2014



**HOLA! TUKUY** Sonqoywan Napaykuykichis!<sup>1</sup> Em nome da comunidade budista Shinnyo-en, eu, Shinso Ito, gostaria de expressar a minha honra e gratidão por estar aqui, neste local sagrado de grande importância. Nossa cerimônia de hoje não teria sido possível sem a ajuda de todos vocês, incluindo os nossos convidados de honra, voluntários e funcionários, que se juntaram a nós em oração. Estamos aqui porque acreditamos nas pessoas e na sua capacidade de criar harmonia. Valorizamos a diversidade e a força das tradições espirituais que se juntam em cooperação mútua. Por isso, nos reunimos aqui hoje com um propósito compartilhado: rezar pela paz no mundo e felicidade de todos. O fundador da Shinnyo-en, Mestre Shinjo Ito, disse essas palavras não como um ideal, não como um sonho, mas como uma realidade a alcançarmos. Contudo, ele também destacou a importância primordial de lutar por esse objetivo, ao invés de se preocupar se será possível ou não realizá-lo.

Esta terra, como muitas outras, presenciou muitas histórias. Testemunhou lágrimas de alegria e tristeza, conflitos e reconciliações, lutas contra doenças e catástrofes, e a força e o triunfo do coração humano. Recordando os incansáveis esforços daqueles que vieram antes de nós, hoje vamos oferecer um ritual de oração de paz e harmonia nesta atmosfera sagrada das montanhas.

<sup>1</sup> Saudações em espanhol e em Quechua, a língua falada pelos povos indígenas na região central dos Andes da América do Sul; Sua Santidade conclui seu discurso com expressões de gratidão nessas línguas também.



Aqui, onde ficava a Casa Real del Sol<sup>2</sup> vamos queimar as labaredas que simbolizam as bênçãos, como a luz e o calor do sol. Cada um de nós também abriga um sol em nossos corações, na forma da sabedoria e amor de que todos nós somos dotados. A sabedoria, como a luz do sol, nos mostra um caminho para sair da escuridão; o amor, como o calor do sol, aquece todos nós. Com essa sabedoria e compaixão baseada no amor, alcançamos nosso potencial, que ativa qualidades universalmente compartilhadas, ou a bondade que chamamos de “Shinnyo” em nossa tradição. Ela conecta toda a vida passada e presente em um só coração e abre caminho para construir um futuro melhor.

Ao oferecer nossas orações hoje, teremos inspiração novamente pela energia e pelo amor que impulsionam atos de carinho, empatia e esperança por todos os seres. Espero que todos nós lembremos da nossa experiência de hoje e que recarreguemos a energia com força positiva para que possamos enfrentar melhor os desafios que surgirão no futuro. Na Shinnyo-en, chamamos essa energia positiva de “Saisho”. Trazer essa bondade universal é o nosso objetivo de hoje. Que a força de nossas orações e ações se estenda para muito longe, em direção à amizade duradoura, harmonia e felicidade de todos. Gracias! Añay! 🙏



<sup>2</sup> Espanhol, lit. “Casa Real do Sol”

# Escrutínio policial: Consagração do Achala de Pedra de Amolar



Figura de Achala esculpida em pedra de amolar e doada à Sanga pelo praticante Masakichi Kubota, em 08 de fevereiro de 1937

Neste segmento da série sobre a história da Shinnyo-en, retomamos os acontecimentos nas vidas dos Mestres Shinjo e Tomoji após a partida repentina de seu filho mais velho, Kyodoin.

**CHIBUN (KYODOIN)** Ito, o primeiro filho dos Pais do Ensino, morreu em 9 de junho de 1936. Apesar de seus sentimentos de total desolação, Mestres Shinjo e Tomoji continuaram a treinar incansavelmente, transformando sua dor em determinação renovada em seguir com a sua promessa de ajudar outros a encontrarem a libertação espiritual e o despertar.

O treinamento do Mestre Shinjo naquela época era ascético. Ele frequentemente meditava com uma vela acesa em seu antebraço no calor do verão, com a cera escaldante derretendo sobre sua pele, para atingir o estado elevado de concentração

na meditação, conhecido como *samadhi*. Durante os gélidos invernos, ele praticava abluções com água fria, derramando 100 baldes de água gelada sobre a cabeça e, juntamente com a Mestra Tomoji, meditava sob as correntes gélidas da cachoeira nas montanhas. A pureza de espírito indelével de Kyodoin, seu falecimento inesperado e trágico, e o inimaginável treinamento rigoroso dos Mestres Shinjo e Tomoji foram as forças motrizes para que os ensinamentos Shinnyo se difundissem ainda mais para a comunidade local, apesar do clima político e social severo no Japão nos anos 30.<sup>1</sup> Em 1937, o número de pessoas que praticava na Comunidade da Luz, como nossa Sanga era conhecida na época, foi aumentando diariamente, e a sala do altar estava sempre lotada. Os Mestres Shinjo e Tomoji estavam constantemente ocupados.

No entanto, os tempos não eram propícios para se conduzir atividades religiosas livremente. Após o incidente da Manchúria em 18 de setembro de 1931,<sup>2</sup> o Japão iniciou um período agressivo de expansão militar e econômica na Ásia. Como resultado, a fim de mobilizar tropas suficientes para as linhas de frente, o Governo Imperial em Tóquio começou a reforçar o controle totalitário sobre muitos aspectos da vida civil. Houve um grande aumento na produção de armas, juntamente com inúmeras restrições legais promulgadas relativas às atividades intelectuais e religiosas. O governo viu movimentos religiosos populares como ameaças diretas ao seu controle da opinião pública, e grupos religiosos foram severamente restringidos sob as leis e atos contra o imperador. Essa supressão incluiu um ataque a dois movimentos religiosos inspirados no Xintoísmo: em março de 1936, a organização de Omotokyo recebeu ordens para se dissolver, e em setembro, funcionários do governo prenderam e detiveram toda a liderança da Igreja Hitonomichi, quase erradicando a organização.<sup>3</sup> Outros grupos e organizações religiosas foram expostos à pressão semelhante, tornando a prática da liberdade religiosa quase impossível no Japão Imperial.

Esse era o clima social tenso em que os Mestres Shinjo e Tomoji estabeleceram o Budismo Shinnyo. Um incidente, que reflete esse clima predominante, foi registrado no diário pessoal do Mestre Shinjo, datado de 08 de fevereiro de 1937. Um praticante trouxe uma imagem de Achala esculpida em pedra de amolar para doar para a Sanga, mas esse simples e inesperado presente acabou criando problemas consideráveis com a polícia:

08 de fevereiro de 1937

Sr. Masakichi Kubota, gerente de uma pousada local em Tachikawa conhecida como “Toeikan”, doou hoje uma imagem de Achala em pedra, dizendo: “Este Achala foi esculpido por um amador, então não sei se o seu estilo está de acordo com o Darma, mas ao recebê-lo, fui curado de uma doença. Espero que aceite e talvez possa colocá-lo na entrada da sua residência”. Então minha esposa disse: “Se nós o colocarmos na entrada, podemos pensar nele como um Achala “de fora”.

Perguntei-lhe o que ela queria dizer, e ela respondeu: “As pessoas que vêm aqui quase sempre estão absortas pelas próprias preocupações e oram simplesmente para satisfazer seus desejos. Ter este Achala do lado de fora seria conveniente, pois

1 Ver a revista *Écos*, vol. 7 para saber mais sobre esse período.

2 Um evento planejado pelos militares japoneses como pretexto para invadir a região da Manchúria do Norte, China.

3 Hoje, a organização é conhecida como a Igreja da Perfect Liberty, ou PL.

poderiam orar sem ter que ir até a sala de altar”.

Eu me senti um pouco apreensivo, já que ainda não éramos uma organização religiosa reconhecida oficialmente. Também questionei se seria mesmo correto colocar aquele Achala na entrada e contei-lhe o que tinha ouvido de um dos nossos membros: “Recentemente, os policiais estão à procura de qualquer coisa suspeita. Outro dia, prenderam um budista da Nichiren que vivia no cruzamento da ferrovia ao Leste da estação de Tachikawa e o levaram para a delegacia de polícia em Fuchu. Receio que a polícia venha aqui, também”.

Mestre Shinjo tinha algumas dúvidas sobre manter a imagem de Achala na entrada de sua casa, por isso visitou seu mentor, o Reverendo Urano, na área de Zoshigaya em Tóquio, para conversar com ele a respeito.

26 de fevereiro de 1937

Visitei o Reverendo Urano aproveitando o fato de que tínhamos fechado nossa casa para treinamento. E ele me advertiu, dizendo: “Sr. Ito, você deve ser cuidadoso. Consagrar uma imagem de Buda do lado de fora da casa, na beira da estrada, poderá trazer problemas. Ao contrário dos templos que há muito tempo possuem imagens de Bodhisattva Jizo às suas portas, colocar uma imagem agora daria às autoridades uma razão para interrogá-lo. Vai ser pior para você, pois muitas pessoas estão se reunindo em sua residência. Alguém pode acabar denunciando às autoridades”.

Realmente, em 5 de março, um mês depois que Mestre Shinjo colocou a imagem de Achala do lado de fora de sua casa, a polícia veio. Mestre Shinjo registrou a visita em detalhes:

05 de março de 1937

E então, a polícia veio. Um policial da subestação do bairro nos visitou hoje e mencionou que eles logo seriam transferidos para uma delegacia local maior. Ele parecia ser bem amigável, mas talvez estivesse preocupado com o efeito que uma organização religiosa desconhecida operando em sua jurisdição teria sobre sua avaliação de desempenho. Começou dizendo que logo seria substituído e teria de informar ao seu sucessor sobre nossa existência. E continuou: “Você não está registrado como um templo e ainda possui uma imagem de Buda colocada na frente da sua casa. Isso é um problema. Muitas pessoas estão ofertando incenso em frente a ela, o que pode ser perigoso. Certamente nestes dias, em que o vento é tão forte, é um risco iminente de incêndio”.

Pude entender seu ponto de vista, mas quando ele continuou a falar, percebi que simplesmente queria que eu me livrasse da imagem. Depois de um tempo, acabou indo embora, mas ficou claro que ele não iria assumir qualquer responsabilidade por problemas que pudessem surgir. Naturalmente, nós ainda não éramos uma organização religiosa oficialmente sancionada e o policial tinha razão em dizer que, a rigor, não estávamos autorizados a reunir pessoas em nossa casa. Mas agora, tinha ficado claro que alguém havia nos denunciado, ao ver as pessoas entrarem e saírem da nossa casa.





Mestra Tomoji (centro) com os praticantes em frente aos portões de sua casa, o principal local de encontro da nossa jovem Sanga. As lanternas anunciam: “Comunidade da Luz, afiliada de Naritasan”. A mulher à esquerda de Tomoji está segurando o Shindoin recém-nascido (foto tirada por volta de Maio de 1937).

Posso imaginar como isso pode ter acontecido. Pode ter sido uma retaliação por parte dos outros mestres espirituais nas vizinhanças, que pensam que perderam um pouco de sua congregação. Além disso, quando me demiti da Companhia de Aeronaves de Tachikawa, perdi minha posição social na comunidade, por isso, para as pessoas de Tachikawa, eu era apenas mais um amador que de repente se tornou uma espécie de curandeiro. Suas atitudes em relação a mim pioraram desde que comecei uma vida religiosa.

A polícia me perguntou que tipo de reunião religiosa fazíamos ali. Pensei que todo mundo no bairro já soubesse, mas respondi que pertencíamos à tradição Shingon. Quis explicar-lhe que eu estava fazendo o meu melhor para o bem-estar das pessoas, para que todos pudessem encontrar algum contentamento em suas vidas, mas suspeitei que essa explicação não seria plausível a ele. Certamente não havia funcionado com outros a quem eu tinha tentado explicar nossas intenções. O único raio de esperança que nos permitia continuar os esforços para alcançar nossos ideais era o fato de que éramos registrados como filial do Monastério de Naritasan. Foi brilhante a ideia do Reverendo Urano de nos tornarmos afiliados a esse complexo bem conhecido e respeitado.<sup>4</sup>

O policial começou a me interrogar. “Você diz que faz parte da tradição de Shingon, mas isso é muito vago. Qual é exatamente a sua afiliação?”

<sup>4</sup> O complexo de templos Naritasan Shinchoji, que também mantém o Achala como sua imagem principal, foi fundado no século X d.C. e é um dos templos budistas Shingon mais conhecidos na região de Tóquio. Favor ver a *Ecos*, vol. 8, pág. 10-12, para mais detalhes sobre como nossa Sanga se tornou uma filial de Naritasan.

Respondi: “Recebi a ordenação na escola Daigo de Budismo Shingon e atualmente continuo o treinamento. Em junho passado, nós nos tornamos uma filial oficial de Naritasan, sob o nome de 'Comunidade da Luz', e eu sou o responsável por ela”.

O comportamento do oficial mudou um pouco. “Naritasan é bem conhecida. Na verdade, minha mãe é uma praticante devota... mas isso não vem ao caso. Pessoas se reunindo aqui, sem as devidas autorizações, é um problema. Você deve seguir o protocolo, caso contrário, opera um grupo ilícito.”

Como seu argumento fazia sentido, silenciosamente balancei a cabeça concordando. Ele concluiu abruptamente: “E quanto a esse Achala na sua entrada, livre-se dele”.

Acredito que finalmente havia chegado o momento de discutir o real motivo de sua visita. Expliquei: “Como acabei de mencionar, fui formalmente ordenado monge budista e continuo meu treinamento aqui. Não saio a pedido de alguém para executar ritos *kaji*<sup>5</sup> ou missas, mas fico em casa e me concentro no meu treinamento. Praticantes ávidos de Naritasan e outros amigos vieram aqui me pedir para ensiná-los cânticos do Shingon, e assim eu tenho feito. No outro dia, um deles deixou aquele Achala em nossa porta, dizendo que era um presente em troca da ajuda recebida. Por esse motivo, não posso simplesmente me desfazer. Talvez você possa falar com ele diretamente. Ele também é um residente de Tachikawa”.

O policial saiu, dizendo que iria pensar sobre isso e que voltaria mais tarde. Toda essa conversa, e o fato ter uma subestação da polícia tão próxima, deixou um gosto amargo.

Em 9 de março, Mestre Shinjo fez o registro junto à polícia como filial de Naritasan e o assunto foi arquivado. Olhando em retrospecto, parece incrível que o simples fato de colocar uma imagem de Buda do lado de fora de casa pudesse provocar uma investigação policial. Mas este episódio mostra como era difícil participar de atividades religiosas no Japão durante a década de 1930. Se as pessoas se reunissem para qualquer finalidade religiosa sem a aprovação oficial, eram imediatamente rotuladas como um grupo ilegal e estariam sujeitas à vigilância policial. Além disso, o sucesso notável da Comunidade da Luz havia instigado a inveja de alguns sobre os Mestres Shinjo e Tōmoji, que agiram tanto de maneira sutil como ostensiva para dificultar suas atividades. ✓

— *Continua...*



5 Sânc. *adhishthana*; um ritual dentro Budismo Esotérico Shingon que concede bênçãos ou cura.

# LEMBRANÇAS DE SETSUBUN

Na edição de inverno de 2013 da publicação japonesa Quatro Estações (Jap. *Shun Ka Shu To*), Sua Santidade relembrou com carinho sua infância em Shinchoji e um momento especial do ano no calendário lunar tradicional japonês conhecido como "Setsubun". Originalmente, Setsubun (lit. a divisão das estações) marcava o início de cada uma das quatro estações do ano, mas nos dias de hoje o termo se refere quase exclusivamente à divisão entre o inverno e a primavera, que ocorre no dia 3 de Fevereiro. É comemorado em todo o país com lançamento de grãos, para afastar o infortúnio do ano vindouro, acompanhado por gritos de "Diabo,<sup>1</sup> pra fora, Sorte para dentro!" Inicialmente, acreditava-se que o ritual era para espantar as criaturas míticas e malévolas, as quais agiam de maneira desenfreada durante a mudança das estações. Pensa-se que tenha surgido de um ritual de purificação introduzido no Japão a partir da China, durante a dinastia Tang (618-907 d.C.) e realizado no Palácio Imperial, antes de se tornar popular. As histórias de Shinso sobre o *Setsubun*, que lembram o espírito do Dia das Bruxas no ocidente, dão uma ideia calorosa sobre o cotidiano dos fundadores da Shinnyo-en e retratam com mais cor aqueles que consideramos os nossos mestres budistas no Caminho Shinnyo.

## SETSUBUN

Quando os Mestres Shinjo e Tomoji estavam vivos, nós sempre pendurávamos enfeites feitos de cabeças de sardinha montadas sobre ramos de azevinho, na frente da nossa casa. Esse era o costume durante o Setsubun nas áreas próximas de Tachikawa, Tóquio, onde nossa terra sagrada de Oyasono se localiza. Acredita-se que o costume tenha começado para afastar os diabinhos maliciosos que apareceriam nessa época do ano, de casa em casa, comendo os moradores. Acreditava-se que os diabinhos não gostavam do cheiro das sardinhas, de modo que essas decorações eram vistas como amuletos de proteção para afastá-los.

Os pêssegos também tinham o mesmo poder. A lenda de Momotaro, o menino que nasceu de um pêssego e ficou famoso por vencer os diabinhos, vem dessa tradição. A ideia de que os pêssegos são eficazes contra os diabinhos é originária da antiga narrativa chinesa *Obras Clássicas das Montanhas e dos Mares*, que conta a história de uma árvore de pêssego gigante no monte Dushuo, cujos ramos voltados para o lado nordeste formam um arco usado por seres malévolos para se deslocarem entre o mundo espiritual e a Terra. Duas divindades foram designadas para guardar esse local, e criou-se uma tradição de gravar as imagens das divindades em madeira de pessegueiro para homenagear sua bravura, pendurando nos portões e nas portas para



1 A palavra original em japonês é *oni*, que pode ser traduzida como demônios, ogros ou trolls.

---

se proteger contra as más influências. Assim surgiu a ideia de que os pêssegos e a madeira dos pessegueiros são eficazes para afastar os diabinhos. A mesma narrativa antiga é também a razão de os japoneses se referirem tradicionalmente ao lado nordeste como o “portal dos diabinhos”<sup>2</sup> uma vez que esta era a direção por onde se pensava que eles entravam e saíam do nosso mundo. Nos círculos da geomancia tradicional japonesa, essa direção era considerada de mau agouro e muitos a evitavam.

Gostaria que vocês soubessem que a prática do Caminho Shinnyo é uma oportunidade para transcender essas noções de que uma direção é mais auspiciosa que outra. Todas as direções são igualmente vantajosas. As imagens do Nirvana podem ser encontradas em qualquer direção, pois existem muitos templos da Shinnyo-en ao redor do mundo, além de Oyasono e do Ogen-in. Como todos nós habitamos uma única Terra redonda, o que pode ser o lado nordeste do “portal dos diabinhos” para uns, pode ser o oeste ou sul para outros, pode ser até a direção em que uma imagem do Nirvana está consagrada. Todas as direções trazem a sorte quando estamos unidos na benignidade e compaixão da budeidade, representada pelos Pais do Ensino e Ryodoji. Durante o Setsubun, nós afugentamos os diabinhos gritando “Diabinhos pra fora!” Mas sabemos que mesmo os diabinhos possuem a sua própria individualidade, única e muito especial. E, nesta época do ano, quando nós geralmente estamos envolvidos em afastar as coisas, espero que possamos refletir sobre a importância da bondade e da possibilidade de aceitar e abraçar, também, esses diabinhos em nossos corações<sup>3</sup>



### ARREMESSO DE GRÃOS

O arremesso de grãos sempre me traz lembranças de quando eu era uma garotinha. Antes de eu entrar na escola primária, um dos funcionários da secretaria do templo sempre me convidava para fazer máscaras de diabinho e arremessar grãos. Pegando

---

2 (Jap. *kimon* 鬼門) uma direção habitualmente considerada de azar dentro da geomancia japonesa que indica o lado nordeste.

3 Nesta orientação, Sua Santidade se baseia em exemplos que seriam mais familiares para o público japonês, mas a mensagem subjacente do Caminho Shinnyo como um meio de aumentar as nossas perspectivas e nos elevar acima das limitações de superstições locais e crenças populares é clara. Como a segunda metade de seu ensinamento demonstra, é também um chamado para enfrentar e dissipar as tendências negativas que dificultam a nossa busca pela libertação espiritual e pelo despertar. Ao usar as imagens dos diabinhos no Setsubun, ela brinca com as sensibilidades culturais de seu público, mas a mensagem central que nos incita a nos livrar desses obstáculos espirituais é aplicável para além das fronteiras culturais e nacionais aos praticantes Shinnyo em todo o mundo.



um pedaço de papel cartão branco, primeiro eu desenhava círculos verdes e amplos com giz de cera, para representar o rosto. Imaginando que provavelmente deveria ter cabelo, mudava para a cor preta e adicionava alguns tufoes escuros. O funcionário dizia: “Agora vamos desenhar os olhos e deixá-los bem assustadores!” E então eu desenhava olhos assustadores, com sobrelhas espessas, depois o nariz e a boca. Finalmente, terminava usando outra vez a cor verde, desenhando um bigode em torno do queixo. No entanto, o desenho não ficava parecendo um diabinho.

E o funcionário dizia: “Agora vamos desenhar um com rosto vermelho”. Aí eu começava de novo, os olhos, as sobrelhas, o nariz e a boca da mesma maneira, e ainda não se parecia com diabinho. Vocês sabem o que adicionava no desenho para que se parecesse mais? Como eu não tinha um giz de cera na cor dourada, desenhava dois chifres nas cabeças com o giz amarelo. E finalizava com presas nos cantos superiores e inferiores das bocas, aí sim, tinha dois diabinhos magníficos! Não importava se seus rostos tinham sorrisos ou se eram sombrios, acrescentar chifres e presas sempre transformava os desenhos. Após prender um elástico na parte de trás, as máscaras estavam prontas.

Depois, eu ia até a Mestra Tomoji: “Mãe, me dá alguns grãos para lançar?” Ela me dava um punhado, e eu colocava dentro do copo de medição. Em seguida, os funcionários colocavam as máscaras que eu tinha feito e eu começava a jogar grãos na direção deles, gritando: “Sorte pra dentro, sorte pra dentro!” Daí, quando chegava na parte do “Diabinho pra fora!”, eu jogava com mais propósito, tentando deliberadamente acertá-lo com os grãos. Ele entrava na brincadeira e reagia com gestos teatrais, gritando “Ai, ai!” e corria para o canto. Enquanto se encolhia, implorava: “Me desculpe! Por favor, me perdoe. Eu nunca mais farei coisas ruins. Estou dizendo a verdade, por favor, me perdoe!” Nessa hora, os grãos acabavam e a Mestra Tomoji dizia: “Acho que isso já é o suficiente para este ano”. O diabinho tinha se redimido, expressando com sinceridade o arrependimento por suas transgressões. Como eu era uma garotinha, seu exemplo me ensinava lições valiosas, tais como ser uma boa menina, dizer a verdade, não fazer coisas erradas.

Assim como eu desenhava as faces dos diabinhos com pedaços de papel, nós temos a capacidade de criar, em um instante,



---

qualquer forma de diabinho em nossos corações e mentes: ogros com chifres cujas ações causam dor e sofrimento; ogros cujas palavras ásperas e agressivas são tão afiadas quanto suas presas. Quando agimos sem atenção, os diabinhos aparecem em nossos corações e mentes, onde antes havia apenas bondade. Como praticantes Shinnyo, espero que vocês não inflijam dor e sofrimento aos outros, falando ou agindo como um ogro. Durante o serviço Setsubun na Shinnyo-en, meditamos sobre os Pais do Ensino e Ryodoji à medida que jogamos os grãos da boa sorte. É uma maneira de exorcizar os diabinhos de nossas mentes e corações.

Por favor, guardem a orientação espiritual que recebem durante o Sesshin no coração, pois faz parte de uma prática de auto-aperfeiçoamento. Enquanto falamos: “Sorte pra dentro, sorte pra dentro”, espero que aproveitem a oportunidade para internalizar uma sensação de paz e contentamento, livrar-se de tendências negativas e dar um passo à frente com esforços renovados em alegria e gratidão para agir com calor e bondade para com todos aqueles que nos rodeiam. Meu único desejo para os que estão no Caminho Shinnyo é que todos encontrem a felicidade e a realização. Se tiverem a mesma opinião, peço-lhes para seguir os passos dos Pais do Ensino e Ryodoji, assumindo seus votos de bodhisattva e exemplos. Espero que se juntem a mim agindo pelo próximo com pureza de espírito, sentindo alegria e gratidão por terem essa oportunidade. ☑



# Afirmando a Fé: alegria ao me render ao guarda-chuva de bambu

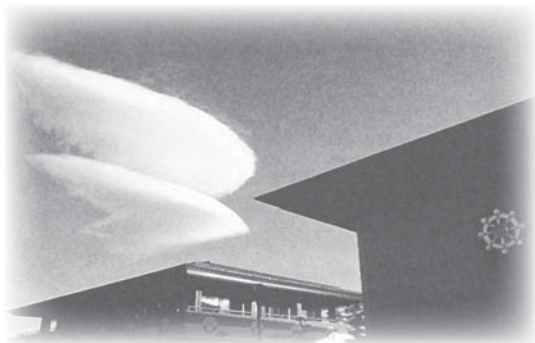
A seguir, apresentamos a história de um funcionário do templo, Tony Giannakoulis, que compartilha as experiências e as percepções adquiridas ao servir como um assistente cerimonial na cerimônia de Saito Homa.



**EU FIQUEI** tão grato por ser convidado a participar do Saito Homa de 2014, em nosso Anexo de Yamanashi. Minha principal função era ajudar os outros assistentes cerimoniais durante os ensaios e se juntar a eles no ritual na área do altar, ajudando na realização com orações e cânticos à medida em que Sua Santidade Keishu oficiava. Com 26 anos de experiência como clínico geral e 15 anos de médium, eu queria encorajar todo mundo a dar o seu melhor, da maneira que eu pudesse. Não tinha ideia de que seria uma experiência tão significativa para mim.

## CONTEXTO

O Saito Homa é um ritual colorido e realizado ao ar livre para ter o seu efeito maximizado. E isso é uma das coisas que eu gosto nessa cerimônia. Talvez eu tenha sido influenciado pela minha formação na Igreja Ortodoxa Grega, que acredita muito no ritual como uma ajuda fundamental para a fé, mas tive uma forte ligação com o Saito Homa desde a primeira vez que participei, por volta de 1990, como iniciante no Caminho Shinnyo. Lembro-me de ficar fascinado pelos elementos complexos da cerimônia e as maravilhas que presenciei na época. Durante essa primeira ocasião, a chuva caiu sem parar até um pouco antes de a cerimônia começar, e falava-se em cancelar o rito ao ar livre e



Formação incomum de nuvens que apareceu acima do Anexo Yamanashi de Shinchoji durante a cerimônia de Saito Homa de Outubro de 1990.

em fazer uma versão mais curta dentro do templo. Junto com as outras milhares de pessoas que esperavam do lado de fora, eu me preparava calmamente para o pior e tentava conter a minha decepção. A chuva parecia que não ia parar para nós.

Daí um milagre aconteceu - não no sentido de um fenômeno sobrenatural, mas simplesmente um acontecimento maravilhoso que me fez refletir e despertar de

alguma forma. Outra pessoa pode ter testemunhado o mesmo evento e permanecido impassível, tudo bem, afinal a fé é um assunto muito pessoal. O que aconteceu naquela ocasião, em 1990, foi que a chuva começou a parar cerca de 30 minutos antes do início programado e, em seguida, parou completamente um pouco antes da procissão de assistentes cerimoniais e oficiante. À medida que eles vinham e entravam na área do ritual, as nuvens se abriram acima de nossas cabeças e o sol saiu.

A cerimônia correu sem problemas e no final, duas nuvens marcantes, uma acima da outra, apareceram no céu. Toda essa experiência foi um lembrete de um componente chave de quando se está em um caminho espiritual: *fé*. Aprendi que quando eu dirijo meus pensamentos positivamente diante de algum obstáculo e me “rendo” a essa experiência, alcanço uma percepção significativa e transformadora.

## FÉ NO DESPERTAR

Sempre que temos um Saito Homa, é realizado em frente a uma figura de Achala, “O Imóvel”. Em 1990, eu realmente não entendia o que ele representava, ou por que ele era a principal representação do nosso budismo, nos primeiros 20 anos da história da Shinnyo-en. As pessoas diziam que ele representava a vontade de permanecer no caminho para a libertação *a qualquer custo*. Após a cerimônia, tive uma ideia melhor do que isso significava e o porquê, dentre muitas imagens de Buda que existem, de os mestres Shinnyo confiarem nessa expressão do estado de Buda em particular, no início do caminho rigoroso que estava à frente deles, para ajudar as pessoas a estabelecer sua fé. Pela primeira vez, entendi como as maravilhas temporais, ou espirituais, poderiam auxiliar a nossa fé e prática; que não é a própria maravilha que é importante, mas sim o que você aprendeu com ela para solidificar a sua fé e continuar seguindo em frente. Isso também me aproximou dos antepassados e me fez entender por que milagres são enfatizados ao falar sobre a obra, os ensinamentos e a fé em Jesus Cristo.

Mas, antes, permita-me esclarecer: a “fé” a qual me refiro é a confiança que temos no caminho ou no mestre que nos guia - chamado *śraddhā* (shradhā) em Sânscrito. No budismo, isso significa uma aceitação inicial dos ensinamentos antes de perceber por si mesmo como eles nos guiam para a verdade e ter fé no próprio potencial para o despertar, ou no que pode ser chamado de “natureza búdica”.

Como Oyasono, o Anexo de Shinchoji em Yamanashi é um lugar acolhedor, onde tive um profundo senso de despertar. Para mim, a compaixão amorosa e a sabedoria



resoluta dos nossos fundadores – a alma do Caminho Shinnyo - ficam palpáveis. As terras ali são organizadas como se fossem um *mandala* tridimensional que pisamos fisicamente todas as vezes que visitamos o local. Isso é muito legal - ser capaz de entrar no reino dos budas Shinnyo! Além disso, o anexo está situado em um ambiente físico excepcional, com um lago no sopé do Monte Fuji, não muito longe do local de nascimento dos nossos fundadores. Ter fé no despertar deles e identificar o mesmo potencial (natureza búdica) dentro de mim, ajudou-me a ter mais fé em mim mesmo. Isso me deu tanta esperança ao longo dos anos que me ajudou inúmeras vezes a ter mais confiança para enfrentar um obstáculo após o outro.

## EXPECTATIVAS E APEGOS

Avançando para 2014: na manhã do ritual, estava chovendo quando acordamos. Tentei me preparar mentalmente para a possibilidade de realizar a cerimônia na chuva, mas eu ainda esperava e rezava por um milagre, como aquele que eu tinha vivido 24 anos antes. Quase *o tinha por certo*. Pensei que isso seria a prova do poder do Budismo Shinnyo, sem qualquer sombra de dúvida. Entretanto, sem perceber, eu estava semeando a decepção na minha mente, apegando as esperanças a um determinado resultado.

Como minha principal função nesse Saito Homa era ajudar os outros assistentes cerimoniais, senti que era importante incentivá-los naquela manhã. Eu dizia a eles que ao invés de se preocuparem com eles mesmos e seu desempenho, deveriam tentar ser como Sua Santidade, que eu sabia que estava mais preocupada com as milhares de pessoas que tinham viajado de todo o Japão e do mundo para o local da cerimônia e que, provavelmente, estavam muito ansiosas sobre o que iria acontecer.

“Orem pelos participantes, como Sua Santidade deve estar fazendo”. Recomendei. “Acredite em si mesmo e na sua preparação durante os ensaios dos últimos dias. Deixe o resto nas mãos da Sua Santidade e nos poderes constituídos. Lembrem-se, todos nós somos um”. Basicamente foi isso que eu disse. E a chuva só veio a piorar depois disso. Vestimos as vestes cerimoniais e esperamos. Eu estava ansioso pelo o que iria acontecer, e notei que estava rezando para que a chuva parasse. Percebi que eu não estava seguindo o meu próprio conselho, mas estava me afundando em uma piscina de pessimismo, e eu me perguntava como poderíamos continuar com o ritual debaixo daquela chuva torrencial.

Foi aí que os guarda-chuvas de bambus apareceram! A equipe de apoio começou a distribuí-los quando estava óbvio que a chuva não iria parar tão cedo. Percebi que uma lição espiritual estava esperando para ser aprendida e compreendi um pouco antes do início da procissão: *deixe, confie e continue*. Durante a cerimônia, as rajadas de vento e chuva ameaçavam levar meu guarda-chuva para longe, era difícil manter a concentração e continuar firme.

As gotas frias de água pingando na minha cabeça e escorrendo pelas minhas costas testavam meus limites físicos e mentais, mas pelo menos, minhas roupas não estavam encharcadas. E, a rocha da fé em que eu confiava - encarnada na pessoa da Sua Santidade que nos guiava calma e resoluta - estaria sempre lá por mim.

## MEDITAÇÃO, RESILIÊNCIA E ALEGRIA

Apesar de tudo que estava acontecendo ao meu redor, entrei numa zona contemplativa de meditação focada. Ver cada um dos meus companheiros assistentes cerimoniais

exercendo os seus respectivos papéis sob a chuva forte com graça e sorrisos me fez chorar de alegria. “Que bom”, pensei, “Está chovendo tão forte que ninguém vai notar minhas lágrimas!”

Mais tarde, Sua Santidade nos disse que tínhamos feito um bom trabalho e como servíramos de exemplo para todos, quando ali enfrentamos o desafio sem nos intimidar. Seu incentivo foi reafirmador e me deu uma visão mais aprofundada sobre o que significava ser como “Achala” (o imóvel). A chuva daquele dia reforçou em mim a resiliência que tenho certeza que vai me ajudar a enfrentar outros desafios por vir. Percebi o quão longe eu tinha ido nos meus 25 anos de prática, e meu coração se encheu de gratidão por tudo e por todos que me apoiaram.

Esta experiência de fazer parte do Saito Homa de 2014 também me ensinou muito sobre expectativas e noções preconcebidas. Eu tinha ido para Yamanashi com a ideia de que *EU* estaria ajudando os outros, sem pensar que eu também precisava de apoio e poderia aprender algo. Fui lembrado sobre a importância da humildade ao realizar as tarefas que nos são dadas, permanecendo aberto e presente para captar as mensagens por trás dos acontecimentos que nos rodeiam. Tornou-se ainda mais claro para mim como esse tipo de prática contemplativa é essencial para o crescimento espiritual e realização. Ela constitui a própria essência do que chamamos de “Sesshin informal” na Shinnyo-en, e nos ajuda a entender quem realmente somos e o que precisamos fazer para voltar ao nosso “eu verdadeiro”, desperto.

Sempre admirei a beleza e resistência flexível do bambu. É uma metáfora maravilhosa para tantas coisas no caminho espiritual. O guarda-chuva de bambu que me protegeu da chuva durante o Saito Homa me permitiu reafirmar minha fé nos elementos ao meu redor. Isso me ajudou a abrir ainda mais a mente para a realidade subjacente da vida (*shinnyo*): que a alegria pode ser encontrada a qualquer hora, em qualquer lugar, se estivermos abertos a sentir e buscar por ela ativamente.

Talvez o que permanece de maneira mais vívida na minha mente do Saito Homa de 2014 é a alegria que senti quando estava na chancela durante o ritual, todo molhado, mas grato e feliz. Era uma alegria ao mesmo tempo nova e familiar. Eu tinha sentido isso antes, sempre que tive uma sincera compreensão que me tocou profundamente e me trouxe para mais perto da minha essência, a parte de mim que está em uníssono com todos os bons mestres que já encontrei e com tudo que é bom no universo. 🌱



# O Sutra Mahaparinirvana: Um ensinamento de esperança

Por Shinso Ito  
LÍDER ESPIRITUAL DA SHINNYO-EN

Segmento 7

## Uma Visão Geral do Sutra Mahayana Mahaparinirvana, Parte 3

Apresentamos o mais recente segmento do comentário da Sua Santidade sobre o Sutra Nirvana. Aqui, ela continua a descrever a estrutura do Sutra Mahaparinirvana, destacando os temas doutrinários que se tornaram fundamentais para os ensinamentos do Budismo Shinnyo.



**NESTE** segmento, gostaria de discutir a terceira fase da tradução de Dharmakshema do Sutra Mahayana Mahaparinirvana, que compreende um pouco menos da metade do texto todo.

Um aspecto notável desta terceira parte é que cada capítulo reexamina os ensinamentos de Buda já apresentados nos capítulos anteriores, fornecendo uma análise doutrinária detalhada ao invés de introduzir novas ideias ou histórias. Dessa maneira, assemelha-se ao *abhidharma*, discursos filosóficos e estudos dos sutras Budistas que explicam o Dharma e a psicologia para se tornar mestre do caminho. As escritas volumosas do *abhidharma* foram compiladas como a terceira das três categorias, ou “cestas”, do *Tripitaka*,<sup>1</sup> as outras duas são os sutras e *vinaya* (os

<sup>1</sup> Sâncs. lit. “Três cestos”, as três principais categorias de textos que compreendem os ensinamentos budistas. Ver o segmento 3, Parte 1 (na *Ecos* 3) desta série para mais detalhes.

ensinamentos do Buda referentes às regras da vida monástica budista). Gostaria que entendessem que o Sutra Nirvana Mahayana, enquanto sutra, contém elementos dedicados à análise e à interpretação que podem ser descritos como *abhidharma* assim como os componentes que são similares ao *vinaya* por natureza.<sup>2</sup> Assim, o Sutra Mahayana do Nirvana é um sutra abrangente, que inclui a essência de todos os três cestos. Nesse sentido, é um texto muito especial.

## **FASE TRÊS: A PARTIR DO CAPÍTULO SOBRE BODHISATTVA REI ALTAMENTE VIRTUOSO ATÉ O CAPÍTULO SOBRE KAUNDINYA**

### **A BUSCA DOS BODHISATTVAS PELO NIRVANA**

Até agora, expliquei como o Sutra Nirvana é de natureza meta-estrutural, com a sua terceira parte servindo como o *abhidharma* que analisa e explica as outras partes. Os quatro capítulos que compõem a terceira parte do Sutra Nirvana são Bodhisattva Rei Altamente Virtuoso, Bodhisattva Rugido de Leão, Bodhisattva Kashyapa e Kaundinya.

Nesses capítulos, os ensinamentos do Buda assumem a forma de perguntas e respostas trocadas entre o Buda e um membro escolhido entre seu público. Os títulos dos capítulos recebem os nomes dos indivíduos escolhidos, dos quais três são bodhisattvas e um, Kaundinya, um *bhikkhu*<sup>3</sup> e o primeiro a alcançar a iluminação entre os cinco discípulos iniciais do Buda. No primeiro capítulo, que discorre sobre os vários méritos do Sutra Nirvana, um virtuoso bodhisattva, tão radiante que diziam que sua luz se irradiava em todas as direções, foi escolhido para o diálogo com Buda. O segundo capítulo analisa as ideias anteriormente não mencionadas da natureza búdica e da atemporalidade do estado de Buda com um bodhisattva, cuja voz era tão poderosa como a de um rugido de leão. O capítulo seguinte destaca o diálogo com Bodhisattva Kashyapa, um dos principais discípulos de Buda e seu primeiro sucessor, que mais tarde iria reunir e dirigir o Primeiro Conselho Budista após a morte de Buda. Dessa forma, a parte três do Sutra Nirvana se desenvolve com indivíduos escolhidos atuando como contadores de histórias que falam sobre os seus respectivos pontos de vista.

Esse pode ser um exemplo incomum, mas deixe-me tentar explicar usando os termos da física. A física clássica empreende experimentos com a premissa de que os resultados permanecem constantes quando realizados sob condições uniformes, enquanto a teoria quântica moderna sustenta que eles variam de acordo com a *observação*, assim o próprio ato da observação tem que ser levado em consideração como uma condição. O mundo parece diferente dependendo de quem o observa e de como ele é observado, mas o ato da observação converge infinitas possibilidades a um único estado.

Essa metáfora incomum explica como o Sutra Nirvana pode ser retratado através das diferentes perspectivas dos bodhisattvas contadores de histórias. Enquanto nada de novo parece ter sido revelado ou ensinado na terceira parte, as perguntas e pontos de vista únicos apresentados por esses bodhisattvas nos permitem lançar um novo olhar sobre seus ensinamentos. Você pode ver como uma peça de música tocada em diferentes variações, cada uma adicionando sua própria ressonância e timbre ao tom geral.

---

2 Sua Santidade irá explicar esses elementos similares às *vinaya* em um outro segmento desta série.

3 Sânscrito e Pali para monge budista.

# COMPARAÇÃO DO TEXTO DO SUTRA MAHAPARINIRVANA



Para continuar com as metáforas, Bodhisattva Rei Altamente Virtuoso, Rugido de Leão e Kashyapa fazem perguntas e proposições em cada capítulo, como se estivessem jogando redes no oceano. Assim como os mesmos tipos de peixes são apanhados em uma rede, há uma sobreposição perceptível no conteúdo, à medida que cada resposta possível para cada tipo de questão é examinada e reexaminada. As perguntas e as respostas priorizam a parte essencial, sob o risco de repetição. Lançar uma rede em todos os oceanos do planeta pode ser impossível, mas o lançamento habilidoso de uma rede por um bodhisattva nos permitirá capturar o estado verdadeiro do mundo em miniatura.

Identificar-se com os bodhisattvas durante a leitura e entoação do Sutra Nirvana ativa e nos leva a um mundo *shinnyo* dentro de nós, transcendendo a distância no espaço, e dois milênios e meio no tempo, desde que esses ensinamentos foram passados pela primeira vez. Os Sutras funcionam como um software gerador, inspirando-nos a nos tornar bodhisattvas que trabalham para um futuro melhor através da meditação e da ação consciente. Ao fazê-lo, nós experimentamos ativamente a presença e o trabalho atemporal da budeidade em nossas vidas, uma vez que responde a nossas meditações e votos de prática. Todos nós, que seguimos o Caminho Shinnyo, podemos internalizar as verdades do nirvana ao praticar e viver como bodhisattvas, conforme seguimos os ensinamentos dos Pais do Ensino Shinnyo e Ryodoji.

Na terceira parte da tradução de Dharmakshema do Sutra Nirvana, o mundo do nirvana é impulsionado por um programa que esclarece os conceitos de natureza búdica e o significado de “eu” na frase *permanência, felicidade, eu verdadeiro e pureza*. Enquanto o Budismo tradicionalmente rejeita o conceito brâmane de *atman*, ou a substância imutável - o verdadeiro eu - de cada indivíduo, o Sutra Nirvana usa corajosamente esse termo para explicar as ideias de *permanência, felicidade, eu verdadeiro e pureza* e a natureza búdica. É claro que o uso não ortodoxo do termo deve ter sido criticado, e a parte três do Sutra Nirvana, com a exceção do Capítulo sobre Kaundinya, pode muito bem ter sido entendida como uma exposição a questões de censura. Essa abordagem estabelece uma nova definição do termo *atman* como parte de uma teoria sobre a natureza búdica que envolve uma profunda reflexão sobre o conceito do *shunyata* (Jap. *ku*).

## O QUE É “SHUNYATA”?

*Shunyata* é geralmente traduzido para o inglês como não-substancialidade, ou vazio, e pode ser considerado como um dos primeiros conceitos budistas, como visto nos primeiros sutras, o Sutta Nipata, que nos ensina a ver o mundo como *shunyata* deixando de lado o nosso apego ao ego.<sup>4</sup> A ideia de *shunyata* se tornou central à doutrina budista em torno do primeiro século a.C., no início do Budismo Mahayana e dos escritos budistas. Entre os primeiros escritos Mahayana, o Sutra Prajnaparamita ajudou a estabelecer a ideia do entendimento de *shunyata* como meio de chegar a *prajna*, ou a perfeição da sabedoria.

O sutra ensinou às pessoas a compreender *shunyata* como a liberdade para pensar abertamente, livre das interpretações fixas do Darma ensinadas pelas escolas budistas correntes daquele tempo. Essa filosofia do Sutra Prajnaparamita recebeu mais tarde

---

4 Este princípio fundamental no Budismo Mahayana refere-se ao vácuo, vazio intrínseco ou não-substancialidade de todos os fenômenos. É o conceito de que os fenômenos não têm existência fixa ou independente, mas surgem apenas em virtude de sua relação com outros fenômenos. Longe de ser negativo ou niilista, *shunyata* aponta para o tolo apego às coisas transitórias, uma tendência que está na raiz do sofrimento. Mestre Shinjo enfatizou que trabalhar sobre esses apegos ao mesmo tempo em que se abre e aceita a nossa interconectividade inerente nos permite assimilar um reino eterno “vazio” de tais obstáculos, em que se torna possível encontrar o verdadeiro eu.

uma estrutura teórica pelo Nagarjuna (cerca de 150-250 d.C.), que era respeitosamente conhecido como Bodhisattva Nagarjuna nos círculos budistas Mahayana da época. Em um de seus principais escritos, os *Versos Fundamentais sobre o Caminho do Meio* (Sânc. *Mulamadhyamakakarika*), ele desenvolveu uma teoria para corrigir um equívoco comum, onde *shunyata* significaria a não-existência, explicando que as verdades do Caminho do Meio residem na compreensão de que *shunyata* é a liberdade de qualquer um dos extremos da existência ou não-existência.

Parece que este é um momento adequado para elaborar mais precisamente sobre o termo *shunyata*. Longe de significar “nada” ou “inexistente”, *shunyata* é o conceito de que todos os fenômenos surgem em virtude da sua relação com outros fenômenos, dependendo de uma série de causas e condições. Essa ideia concebe todos os fenômenos como um constante estado de fluxo.

Tomemos o exemplo de um assento vazio. Um assento pode ser descrito como vazio quando ninguém está sentado nele, embora o próprio assento realmente exista. A causa (a pessoa que se senta) e a condição (o ato de sentar-se) que significariam que o assento não está mais vazio estão faltando, mas o potencial ainda continua para que sua função original seja cumprida. Isso é *shunyata*, o estado de surgimento dependente. Quando alguém vem para se sentar, a função inerente do assento é concretizada com essa pessoa como causa e o ato de sentar-se como condição. Pense em como isso é diferente de dizer que não há assento, o que implica que o próprio assento é inexistente. Vendo o mundo sob uma perspectiva Budista, todos os fenômenos são *shunyata*, que surgem na dependência de suas relações com outros fenômenos.

## A AFIRMAÇÃO DEFINITIVA

Como mencionei anteriormente, Nagarjuna ensinou o Caminho do Meio como *shunyata* transcendendo os dois extremos da existência e não-existência. A terceira parte da tradução de Dharmakshema do Sutra Nirvana, onde a questão da natureza búdica é proposta novamente, reitera constantemente a ideia de que a natureza búdica é o Caminho do Meio.

Nessa parte, o Honrado pelo Mundo descreveu a natureza búdica como *paramartha-shunyata*, o que significa “não-substancialidade transcendental”; *paramartha* se refere à verdade ou sabedoria suprema. Aqui, Buda instiga as pessoas a observar *shunyata* e não-*shunyata*, a permanência e a impermanência, o sofrimento e a felicidade, o eu e o não-eu. Parafraseando um pouco mais, ele ensinou que o Caminho do Meio exige que se considere tanto a não-substancialidade como a substancialidade de todas as coisas, tanto o eu como o não-eu. Ver um sem o outro não seria uma abordagem do Caminho do Meio. Ele concluiu comparando o Caminho do Meio com a natureza búdica.

Portanto, a sabedoria no contexto de *paramartha-shunyata* (não-substancialidade transcendental) tem menos a ver com os fenômenos contrastantes que se opõem diametralmente e mais a ver com o reconhecimento dos aspectos opostos, sejam eles substanciais ou não-substanciais (*shunyata* ou não-*shunyata*). Convencionalmente, o conceito de *shunyata* foi explicado em termos negativos, até excludentes, de ser separado da existência e não-existência. Em contraste, o Sutra Nirvana explica *shunyata* e o Caminho do Meio com a afirmação de que “um ou outro é possível”; em termos extremos, no fim tudo está envolvido. Essa inclusão faz do Sutra Nirvana especial. Experimentar a verdade e a sabedoria do Caminho do Meio, como ensinado no Sutra

Nirvana, é realmente como podemos dar plena expressão à nossa natureza búdica.

Nós podemos ver a inclusão ou afirmação da parte 3 não apenas na descrição da natureza búdica no sutra, mas também nas suas ideias sobre quem pode aspirar à libertação espiritual e o despertar através do cultivo dessa natureza búdica, especialmente no que diz respeito aos *icchantikas* chegarem à budeidade. Mestre Shinjo pronunciou que o Sutra Nirvana, sendo o ensinamento final do Buda, afirma o potencial para todos os seres, incluindo os *icchantikas* - não importando o quão egrégio suas transgressões sejam - de alcançar a iluminação insuperável do estado de Buda.

Nas duas primeiras partes, o Sutra Nirvana tomou uma perspectiva pessimista em relação aos *icchantikas*, definindo-os como céticos em relação à própria natureza búdica e até mesmo antagonistas em relação àqueles que acreditam no conceito. Entretanto, na terceira parte, os *icchantikas* são claramente incluídos entre aqueles que têm o potencial para despertar. O Capítulo sobre Bodhisattva Kashyapa inclui o exemplo de Sunakshatra, um dos filhos do Buda, quando Buda ainda era um bodhisattva. Sunakshatra estava sendo tratado pelos outros como um *icchantika* alguém que cortou suas raízes de bondade, e apesar de Buda admitir que seu filho realmente tinha feito isso no passado e continuava no presente, proclamou que ninguém poderia cortar as raízes de bondade no futuro. Acreditando na possibilidade de uma bondade futura, o Buda afirmou inequivocamente que até mesmo os *icchantikas* têm o potencial de atingir a budeidade.

Aqui, Buda não quis dizer que alcançar o estado de Buda vem para todos espontaneamente. Aspirar a desenvolver a própria mente-*bodhi* em direção à budeidade e empenhar-se nos atos Mahayana para o bem-estar dos outros são os pilares para despertar a natureza búdica e dar-lhe plena manifestação. O Buda reforça que as pessoas acreditem primeiro em sua natureza búdica, façam o voto de bodhisattva e treinem. Tal prática gera a possibilidade de toda e qualquer pessoa atingir a iluminação.

## O SUTRA NIRVANA E ACOLHIMENTO

Os *Ichchantikas*, aqueles que negaram a natureza búdica, originam-se de dentro da comunidade budista quase por definição. No entanto, no Capítulo sobre Kaundinya, que é o capítulo final tanto da parte três da tradução de Dharmakshema quanto de todo o Sutra Mahayana do Nirvana, o Buda muda seu foco para atender aos religiosos e filósofos de fora da comunidade budista, como os praticantes ascetas jainistas e aqueles das principais escolas brâmanes de Samkhya e Vedanta. Aqui, o Buda mantém uma abordagem orientada para o diálogo, dedicando-se a ouvir antes de organizar os seus pontos e interrogando o autor da pergunta. Esse processo orienta os interlocutores selecionados a encontrar respostas para suas perguntas sozinhos e, no fim, permite que todos possam compartilhar *shinnyo*, as verdades universais para as quais o Buda também havia despertado.

Como vimos, a terceira parte da tradução de Dharmakshema do Sutra Nirvana ensina a natureza harmoniosa e positiva da não-substancialidade transcendental, em vez de simplesmente denominá-la negativa ou dualista; reconhece que mesmo aqueles que agem contrariamente ao Dharma podem ver com clareza suas transgressões; e oferece um caminho para atingir a iluminação. Expõe a importância do diálogo entre todas as tradições espirituais e defende as verdades universais de *shinnyo*. Dessa forma, o sutra demonstra a profundidade da ideia que o termo “acolhimento” tem no Budismo Shinnyo.



Mencionei no início deste segmento que o Sutra Mahayana do Nirvana é único que abrange a essência de todos os três componentes do *Tripitaka*: *sutra*, *abhidharma*, e *vinaya*. No próximo segmento, gostaria de explorar os elementos similares a *vinaya*. Como praticantes das verdades do Sutra Nirvana, espero que todos nós possamos viver em harmonia, envolver-nos ativamente no diálogo com os outros, e assim compartilhar e expandir os laços de amizade e o estado alegre de espírito que é *permanência-felicidade-eu verdadeiro-pureza* no mundo em torno de nós. ☑

— Continua...

## Transmissão do Budismo: Budismo Esotérico e Sutra Mahavairochana

Entre as ruínas de Udayagiri encontra-se a imagem de quatro braços da Bodhisattva Kannon, gasta pelo tempo, mas ainda muito bem preservada. Esta emanção em particular é conhecida como Amoghapasha.



Esta série de artigos analisa a forma como os ensinamentos budistas foram transmitidos ao longo do tempo, para que possamos entender melhor a Shinnyoen dentro do contexto histórico. Aqui, a nossa viagem começa no estado de Odisha, lado oriental da Índia, e vamos explorar as origens da tradição esotérica budista.

Uma imagem do mestre budista Subhakarasiṃha consagrada na antiga capital chinesa de Luoyang, onde ele passou seus últimos dias.



O interior do templo pode ser escuro, mas é claramente visível a imagem da mandala do Mundo do Diamante do Tathagata Mahavairochana fazendo *bodhyangi*, ou mudra “punho da sabedoria”.



O lado norte da estupa Udayagiri abriga uma imagem do Tathagata Mahavairochana, que lembra a mandala do Mundo do Útero, formando o “mudra da meditação do reino Darma”.



Uma imagem do Bodhisattva Vajrapani, que simboliza o poder do Buda em despertar os seres sencientes, segurando um *vajra* na mão direita.

**O NOME** da cidade Udayagiri, ou “o pico em que a luz do sol da manhã incide primeiro”, está associado a vários lugares na Índia. Aqui, vamos observar Udayagiri no estado de Odisha da costa leste (anteriormente conhecido como Orissa), pela Baía de Bengala. Este é o lugar onde podemos ver os vestígios do Budismo Esotérico em sua origem.

O Budismo Shingon deriva da combinação de duas linhas de pensamento e de prática conhecidas como as mandalas do Mundo do Diamante e do Útero. A primeira é descrita no Sutra Vajrasekhara e a última no Sutra Mahavairochana. Elas provavelmente se originaram como duas linhas de pensamento distintas, que mais tarde se juntaram para formar a base do Budismo Shingon.

A tradição Shingon reconhece oito grandes mestres, ou patriarcas, como transmissores do fluxo do darma, dos quais quatro - Nagarjuna, Nagabodhi, Vajrabodhi e Amoghavajra - são mestres do Sutra Mahavairochana. Essa linhagem ou corrente Darma do Mundo do Útero se juntou com a do Mundo do Diamante por um mestre do Sutra Vajrasekhara chamado Subhakarasimha (637-735 d.C.), que dizem ter nascido na família real, no antigo reino de Odra (atual estado de Odisha). Conforme algumas biografias, ele demonstrou uma notável genialidade quando criança e se tornou rei aos 13 anos de idade, mas abdicou para evitar conflitos decorrentes da rivalidade entre os seus irmãos. Subhakarasimha assumiu um estilo de vida ascético, viajando e praticando o budismo

Ruínas dos alojamentos monásticos nas colinas levemente inclinadas de Udayagiri.



As ruínas espalhadas por toda Udayagiri, ainda sendo escavadas, abrigam grandes e pequenas estupas.

Entalhes adornam a fachada do templo.

Os quatro lados desta estupa do séc. X em Udayagiri exibem imagens de Buda em uma composição sugestiva da mandala do Mundo do Útero.



em muitas regiões, até que ele chegou a um renomado centro erudito budista conhecido como Nalanda. Ali, começou a estudar e a treinar com Dharmagupta, recebendo a transmissão da linhagem Darma do Mundo do Útero. Subhakarasmimha depois foi para a China, onde foi recebido pelo imperador Xuanzong da dinastia Tang. Famoso por suas habilidades espirituais, Subhakarasmimha adquiriu discípulos e começou o trabalho de tradução do Sutra Mahavairochana para o chinês.

Odisha é uma área sagrada para os hindus e é conhecida como o lar do famoso templo Hindu de Jagannath, um local de peregrinação para pessoas de muitas tradições hindus na cidade de Puri. Embora não seja comumente associada ao budismo, a região de Odisha é famosa por ser o local do antigo reino de Kalinga, que foi tomado pelo rei Ashoka após uma guerra devastadora. O Rei Ashoka sentiu tanto remorso depois de sua campanha sangrenta que ele se refugiou no budismo. Os pilares com inscrições, que foram erguidos sob as ordens do rei,<sup>1</sup> existem até hoje.

Udayagiri está localizada cerca de 90 km a nordeste da capital de Odisha, Bhubaneswar, no meio do chamado “triângulo do diamante” das ruínas e artefatos budistas que inclui três dos sítios arqueológicos mais importantes do estado. Devido à natureza das estátuas de budas e bodhisattvas escavadas nessa área, os estudiosos estão voltando sua atenção para esta região como um possível local de origem do Sutra Mahavairochana e do pensamento relacionado ao mandala do Mundo do Útero.

Udayagiri pode ser traduzido literalmente como “a(s) montanha(s) do sol nascente”, mas, nesse caso, compreende uma área montanhosa que oferece uma bela vista. Do séc. VII ao XII, vários alojamentos monásticos foram construídos em torno de uma estupa central, com seus quatro lados agraciados por imagens de Akshobhya e de Ratnasambhava (duas das Cinco Sabedorias, ou *Dhyani*), do Buda Amitabha e do Buda Mahavairochana. A composição lembra bastante a mandala do Mundo do Útero. Nosso encontro com os mundos da mandala neste local continua com uma imagem do Tathagata Mahavairochana fazendo o mudra *bodhyangi*, ou o “punho da sabedoria”, que é típico da mandala do Mundo do Diamante, conforme se encontra no Sutra Vajrasekhara.

A escavação ainda está em andamento. Quando começou, as imagens de Buda e muitos outros artefatos foram levados e vendidos, mas hoje o local conta com seguranças para proteger os achados.

## VALIOSAS IMAGENS DE BUDA EM RATNAGIRI

O nome Ratnagiri literalmente significa “montanha do tesouro”, e como o próprio nome parece sugerir, uma inestimável quantidade de imagens de Buda foi encontrada lá. Curiosamente, a maioria dos achados são artefatos budistas esotéricos que datam dos séculos VI a X. Uma grande área no topo da colina coroada pelas ruínas de um monastério budista abrange cerca de 3.025 metros quadrados. Escavações revelaram células monásticas dispostas em torno do jardim central, ou de uma área aberta, que segue um padrão clássico para habitações monásticas budistas. Os pilares que marcam a entrada têm finas e elegantes gravuras, e imagens do Buda em relevo podem ser encontradas em muitos lugares. Entre as imagens quebradas, cabeças inacabadas destinadas a grandes estátuas estão espalhadas.

<sup>1</sup> Favor ver o volume 7 da *Ecós* para mais informações sobre a Guerra de Kalinga e a influência que ela teve para o Rei Ashoka abraçar o budismo.

A entrada para o mosteiro é ricamente decorada e as superfícies das paredes estão cobertas de imagens em relevo.



As ruínas resistentes de um mosteiro budista em Ratnagiri (acima). O interior do templo (à direita) abriga uma imagem de Shakyamuni formando o mudra *bhumi-sparsha* (lit. "tocar a terra"), ladeado pelos bodhisattvas Padmapani e Vajrapani.





As imagens budistas associadas ao Budismo Esotérico encontradas em Ratnagiri: da esquerda para a direita, Bodhisattva Kannon, Tathagata Mahavairochana na postura meditativa da mandala do Mundo do Útero e Bodhisattva Vajrasattva.

Numerosas estupas pequenas doadas pelos praticantes do passado.



Um pouco mais distante, encontra-se uma estupa de 14 metros de diâmetro cercada por um grande número de estupas menores colocadas em um padrão básico que sugere o mundo da mandala retratado na mandala do Mundo do Útero. No centro do complexo encontra-se uma representação do Tathagata Mahavairochana, ladeada à direita por Bodhisattva Kannon e à esquerda, Bodhisattva Vajrasattva, quem o Sutra Mahavairochana descreve como líder de um grupo que ouvia o Dharma explicado pelo Buda Vairochana. As imagens do bodhisattva Kannon e do bodhisattva Maitreya no estilo Gandhara também estão representadas, mas muitas imagens de budas e de bodhisattvas são esculpidas com as mãos formando vários mudras esotéricos budistas.

Na Índia, um estilo de representar a mandala em cinco seções básicas que deriva da mandala do Mundo do Diamante ficou popular e substituiu o sistema da mandala do Mundo do Útero. O sistema da mandala do Mundo do Diamante, posteriormente, tornou-se muito influente no budismo tibetano.



Poucos visitantes ajudam a preservar a tranquilidade nas ruínas em Lalitgiri.



## MONTE LALITGIRI

Subhakarasiṃha cresceu na área de Odisha, mas recebeu sua transmissão do Dharma em Nalanda, uma universidade monástica no atual estado de Bihar, ao norte. Devido a isso, muitos estudiosos se voltam para Nalanda quando procuram as origens do Budismo Esotérico. Foi lá que Subhakarasiṃha conheceu seu professor, Dharmagupta, que é uma figura enigmática para os historiadores. Dizem que Dharmagupta viveu até uma idade incrível, algumas fontes estimam que viveu até os 800 anos. Os estudiosos especulam que essa longevidade poderia significar que ele era muito estimado, ou que o nome era simbólico de uma sucessão de indivíduos de uma escola ou linhagem específica. Outros perceberam pontos semelhantes entre os relatos de Dharmagupta e do patriarca Shingon Nagabodhi.

De volta à terra natal de Subhakarasiṃha, Odisha, as ruínas e os artefatos foram descobertos em três locais ao noroeste de Lalitgiri, sendo o mais antigo anterior à era atual. Uma das mais impressionantes ruínas já foi um salão monástico formado em torno

de uma estupa central, embora apenas a base da estupa tenha restado atualmente. Nas proximidades estão os alojamentos monásticos em formato quadrangular. Também são visíveis as ruínas do que deve ter sido uma grande estupa numa montanha mais baixa que se



O sol poente visto de uma estupa no topo do morro.

destaca com o contorno feito pelo brilho do sol poente. Ainda hoje, o efeito lembra o mundo mandala que a cena que pode ter sido usada para ilustrar.

## AS CAVERNAS DE UDAYAGIRI E DE KHANDAGIRI

As cavernas Udayagiri e Khandagiri, esculpidas em duas montanhas perto da cidade de Bhubaneswar em Odisha, Índia, possuem as famosas ruínas associadas ao Jainismo, uma religião que surgiu juntamente com o budismo. Os monges jainistas costumavam construir templos no alto de colinas e montanhas, embora a Udayagiri seja menos elevada e pode ser facilmente observada de um ponto mais alto. As cavernas monásticas cortadas na rocha podem, à primeira vista, ser difíceis de serem distinguidas das cavernas budistas, mas os resquícios das habitações de dois andares sugerem que a maioria delas foi morada dos ascetas jainistas. Uma das diferenças entre os ascetas jainistas e os budistas era que os jainistas tendiam à práticas ascéticas mais extremas e andavam nus, como sugerem as estátuas. O Budismo praticamente desapareceu da Índia enquanto o Jainismo continua a ser praticado até hoje.

As cavernas de Udayagiri e Khandagiri ficam perto da cidade, e as pessoas as visitam para prestar homenagens. Este sítio em Udayagiri é muitas vezes confundido com aquele que contém ruínas budistas, mas na verdade os dois locais ficam a cerca de 100 km de distância um do outro. O monge budista, estudioso e viajante, Xuanzang, visitou essa última área quando veio a Odisha, no século VII, época em que o Sutra Mahavairochana foi compilado. Xuanzang escreveu: “[Em Odisha] há muitos grandes budistas, e qualquer um pode facilmente ver os topos de mais de cem templos. Há mais de dez mil monges, e todos praticam o [Budismo] Mahayana”. Curiosamente, ele não menciona o Budismo Esotérico. Embora exista o relato de Xuanzang, os historiadores ainda estão tentando determinar um quadro realista da situação religiosa e social da época.

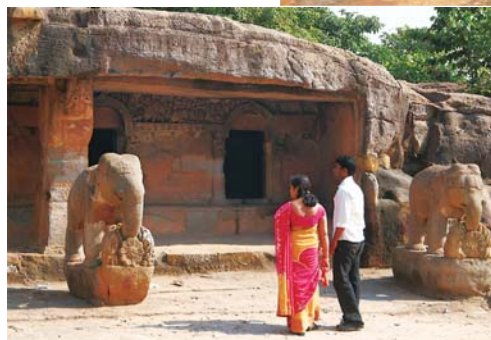
## O FLORESCIMENTO DO BUDISMO TÂNTRICO E KHAJURAHO

O Tantra (ou tantrismo) descreve um movimento que veio florescer como a última forma do Esoterismo Indiano. Esse movimento muitas vezes incorporava rituais de natureza sexual encontrados no budismo e no hinduísmo, que foram feitos para simbolizar e ajudar os praticantes a incorporar a energia criativa do universo. Os ritos são ilustrados vividamente nos templos hindus e jainistas de Khajuraho, localizados no centro do estado de Madhya Pradesh, Índia, cerca de 620 quilômetros a sudeste de Nova Deli. Estes conhecidos templos estão na lista de Patrimônio Mundial da UNESCO. Várias formas de tantrismo parecem ter florescido nesta área nos séculos X e XI.





Um templo jainista no topo de uma montanha em Khandagiri.



As cavernas que são encontradas na montanha Udayagiri já foram abrigo de ascetas jainistas e seus locais de treinamento.



Os magníficos templos de Khajuraho pontilham a paisagem em meio a uma vegetação exuberante.

Embora os templos de Khajuraho no geral já não sejam locais ativos de veneração, o templo Hindu de Matangeshwara é uma exceção. Dedicado a Shiva, seu santuário interno abriga uma *linga* de 2 metros de altura.



No caso do budismo, a tradição esotérica indiana pode ser dividida em inicial, média e recente. O esoterismo inicial não foi totalmente sistematizado, mas foi caracterizado pelo uso de rituais e cânticos de mantras. Em seus estágios iniciais, em algum momento do século V ou VI, o esoterismo refletiu aspectos similares ao Budismo Mahayana ao empregar rituais e mantras para ajudar o praticante a eliminar desilusões e alcançar o despertar. Então, o Budismo Mahayana começou a incorporar aspectos esotéricos, o que logo se desenvolveu para se tornar um fenômeno pan-indiano que influenciaria quase todas as tradições espirituais no subcontinente.

O período médio do Budismo Esotérico surgiu em torno dos séculos VII e VIII. As práticas tornaram-se sistematizadas e os rituais e os pensamentos foram incorporados para ajudar seus praticantes a cultivar sua natureza búdica de uma forma que refletia ainda mais claramente as metas e os objetivos do desenvolvimento anterior do budismo. Essa foi a época em que os sutras Mahavairochana e Vajrasekhara foram compilados. O Budismo Esotérico do período médio foi levado para a China, onde Kukai o encontrou, e o Budismo Esotérico do Shingon foi desenvolvido a partir dessa base.



Estátuas primorosamente esculpidas, algumas eróticas, cobrem todas as superfícies disponíveis das paredes do templo em Khajuraho.

O Budismo Esotérico mais recente surgiu por volta do século IX. É esta forma de esoterismo que é mais frequentemente referida como tantrismo, porque seus textos são chamados de tantras e não de sutras. O Tantrismo incorporou rituais mais extremos, incluindo atos sexuais. Os templos de Khajuraho e sua estatuária mostram isso de maneira bastante vívida na forma hindu. À medida que o período tântrico se desenrolou, os tantrismos hinduísta e budista se tornaram indistinguíveis, o que acabou enfraquecendo a prática budista, pois os rituais contradiziam os preceitos e outros aspectos do Caminho do Meio como foi previamente concebido.

Devemos ter em mente que a tradição do Budismo Esotérico que levou ao Shingon e à nossa corrente de prática na Shinnyo-en deriva do período intermediário, que é diferente do que veio mais tarde. O esoterismo médio procurou expressar uma visão sobre o despertar através de rituais, mantras, mudras e pela prática das Seis Paramitas, e não através das práticas de rituais mais extremos que os tantras defendem. ✓

— Continua...

# Girando a Roda: Contos do Buda

## A MISTERIOSA ESPADA DO PRÍNCIPE QUE NINGUÉM TINHA VISTO

**ESTA É** uma história contada muito tempo atrás, quando o Buda Shakyamuni passou o último de seus ensinamentos no bosque *sala*. Os discípulos de Buda perguntaram sobre a existência da natureza búdica. O Nobre Shakyamuni disse que todos têm uma natureza búdica, mas que ela pode ser facilmente mal entendida ou mal interpretada, e captar sua essência é muito difícil. Para ajudar seus discípulos a entender melhor, ele contou a seguinte história.

Certa vez, um jovem príncipe fez amizade com um servo - da sua idade, porém de uma família muito pobre. Embora eles tivessem origens completamente diferentes, logo se tornaram bons amigos.

O príncipe possuía uma bela espada da melhor qualidade. Toda vez que o príncipe a desembainhava, ela brilhava e cintilava. Era uma espada maravilhosa. Depois que o amigo pobre olhou de relance a espada, ela se tornou sua obsessão e ele a queria para si. Algum tempo depois, o reino estava turbulento e perigoso para o príncipe permanecer lá, então ele pegou sua espada e fugiu. Seu amigo sentiu a perda da companhia do príncipe, mas, muito mais do que isso, sentiu a falta da misteriosa espada. Ele ansiava pela espada dia e noite, e até mesmo a viu em seus sonhos, enquanto dormia.

Uma noite, o dono da casa onde ele trabalhava ouviu sobre a espada enquanto ele sonhava. E imediatamente o dono da casa o levou até o rei, para denunciar.

“Ó, grande rei, descobri que o príncipe tinha em sua posse uma espada maravilhosa. Este menino, que era amigo do príncipe, falou sobre a espada.”

O rei imediatamente começou a questionar o pobre menino.

“Isso é verdade? Você sabe onde ela está agora? Quero que a traga aqui, imediatamente!”



## Antigo norte da Índia e as viagens de Buda



Design by Brechtje Zoet-Viasus [BZdesign]

O jovem respondeu: “Sinto muito, meu rei, mas isso é impossível. É verdade que eu era amigo do príncipe, mas não sei para onde ele foi. Não posso trazê-la para o senhor, mesmo que me ameace arrancar um membro ou cortar mãos e pés. Apenas a vi uma vez. Nunca a toquei, muito menos a segurei em minhas mãos”.

Ao ouvir isso, o rei, intrigado, disse:

“Conte-me mais. Que tipo de espada era essa?”

“Meu rei, a espada que vi era levemente curvada, e me lembrou o chifre de um carneiro.”

Quando o rei ouviu isso, soltou uma gargalhada.

“Essa espada nunca fez parte do arsenal do estado. Não há necessidade para preocupação. O príncipe não levou nenhuma espada.”

E apenas por precaução, o rei olhou para seus conselheiros e perguntou:

“Algum de vocês já viu uma espada como a descrita?” Ninguém respondeu.

Depois de um tempo, o rei morreu. O próximo rei a subir ao trono também ouviu rumores dessa espada maravilhosa e perguntou a seus conselheiros se ela realmente existiu.

“Algum de vocês já viu essa misteriosa espada que é objeto de tanto rumor? Alguém sabe se ela era parte do nosso arsenal?”





“Sim, nós a vimos”, os conselheiros responderam em uníssono.

“Como ela era?”, perguntou o rei.

Eles responderam que se parecia com o chifre de um carneiro. O novo rei ordenou que procurassem a espada pelo reino, mas não conseguiram encontrá-la. O reino logo caiu em desordem mais uma vez, e depois mais quatro reis foram coroados e depostos. Todos ansiavam pela espada. O poder mudou de mãos várias vezes até que, finalmente, o príncipe que tinha fugido retornou e se tornou rei.

Após seu retorno, o recém-coroadado rei ficou sabendo que a misteriosa espada que ele possuía em sua juventude tornou-se fonte de um rumor generalizado e alvo de obsessão de muitos reis. Assim, ele convocou seus conselheiros e pediu para que dessem mais detalhes a respeito dessa espada.

“Algun de vocês viu a espada em questão?”

“Sim, grande rei, nós a vimos.”

“Verdade?” questionou o rei. “Então me digam, qual era a forma dessa espada? Como ela era?”

Um deles respondeu: “Meu senhor, a cor da espada que vi era azul, como uma flor de lótus”.

Outro disse: “Não, grande rei! Eu a vi e ela era vermelha como uma fogueira”.

Um outro ainda: “Não, ela era preta e brilhante, como uma serpente, grande e preta”.

Ao ouvir seus conselheiros descreverem a espada com tanta confiança, o rei explodiu em gargalhadas.

“Ha, ha, ha! Nenhum de vocês realmente viu a minha espada!”

De repente, o Nobre parou e ali terminou a sua história. Seus discípulos estavam cheios de perguntas.

“O que devemos concluir com essa história? O que significa?”

Em resposta, o Buda começou a explicar o significado por de trás da história, de modo que seus discípulos pudessem compreender mais facilmente:

“Meus discípulos, a história da espada é uma história sobre o “eu”; em outras palavras, a nossa natureza búdica. Budas aparecem no mundo para explicar a verdadeira natureza do eu, e por fim, se vão. Depois, pessoas que não têm suficiente entendimento e discernimento começam a proclamar o verdadeiro eu da maneira

que imaginam ou acreditam que seja. São como o jovem pobre que murmurou sobre a espada em seu sonho.”

“Como outras pessoas ouviram a história sobre a espada, deram asas à imaginação, distorcendo a aparência real da espada de tal maneira que ela se tornou irreconhecível. Da mesma forma, algumas pessoas podem até alegar que o “eu” pode realmente ser encontrado fisicamente: é tão grande quanto um polegar, tão pequeno como um grão de areia, tão fino quanto uma folha. Alguns podem dizer que o “eu” habita no peito e se irradia para fora, como a luz do sol.”

“O verdadeiro eu não tem forma. Não é algo exclusivamente fruto da nossa mente nem algo material. As pessoas que dizem o contrário não compreendem a sua verdadeira natureza. É como a resposta dos conselheiros sobre a espada, como se realmente tivessem visto, quando na verdade estavam somente descrevendo o que a imaginação deles tinha criado.”

“O que estou tentando explicar agora, em meus ensinamentos finais, é que existe um verdadeiro ‘eu’, e que esse eu verdadeiro é a sua natureza búdica. Nossa natureza búdica é como a espada misteriosa que o príncipe possuía. Como ilustrada na história, a natureza do nosso verdadeiro eu é facilmente mal compreendida. É difícil para as pessoas perceberem, apenas um buda pode ver claramente.”

“No entanto, se alguém ouvir a minha explicação da nossa natureza búdica inata e corretamente transmitir aos outros, essa pessoa estará agindo de acordo com as verdades definitivas das coisas como são. Aquele que compreende genuinamente que existe a natureza búdica e transmite isso com sinceridade aos outros, age como um verdadeiro bodhisattva.” ❏



## NA PRÓXIMA EDIÇÃO DA *ECOS*: A GRANDE ESTUPA EM AMARAVATI

De acordo com a lenda, as origens do Budismo Esotérico podem ser traçadas a partir de uma torre de ferro no sul da Índia, onde o bodhisattva Vajrasattva ministrava os ensinamentos do Sutra Vajrasekhara a Nagarjuna. Essa lenda inspira o próximo segmento de nossa série sobre a transmissão do budismo. Vamos explorar as origens da Mandala do Mundo do Diamante, que dizem derivar desse sutra. Continuaremos a seguir a trilha do Budismo Esotérico, visitando o estado indiano ao sudeste de Andhra Pradesh e da grande estupa em Amaravati. 📍



---

Em caso de perguntas ou comentários sobre a *Ecos*, favor entrar em contato pelo endereço [shinnyobr@gmail.com](mailto:shinnyobr@gmail.com). Para acessar a versão original em inglês, visitar o website [oyasono.org](http://oyasono.org) o usuário para acesso é "gassho" e não é necessário senha.

---

Copyright © by Shinnyo-en

Publicado pelo Departamento Internacional, 1-2-13 Shibasaki-cho, Tachikawa, Tokyo 190-0023, Japão.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida ou traduzida por qualquer meio, eletrônico ou outro, sem permissão por escrito.



Printed on FSC (Forest Stewardship Council) Mixed Sources paper

FSC ([fsc.org](http://fsc.org)) is an independent, non-governmental, non-profit organization established to promote responsible forest management worldwide. Paper from such sources uses wood from certified well-managed forests, company controlled sources, and/or recycled material.